Dentro da psicanálise, dentro da cultura

Leopold Nosek

Revista Brasileira de Psicanálise
número especial, p. 69-86 · 2017

Resumo

Mesclando considerações de cunho histórico e teórico, o autor reflete sobre as complexas relações entre as palavras *psicanálise* e *cultura*. Explorando afinidades da teoria freudiana com o pensamento de historiadores da arte (Warburg e Belting), inclui a psicanálise entre as práticas que se ocupam da construção de imagens e, portanto, de cultura. Ao trabalhar para criar imagens e representações onde estas não existiam, a psicanálise domestica o terror, captura uma catástrofe pessoal. Para tanto, é imprescindível o conhecimento encarnado, que tem a mesma substância dos sonhos. Assim, ancorada num método e numa metapsicologia próprios, a psicanálise assume uma identidade ao mesmo tempo como estética e como ética, esta compreendida como submissão incondicional à alteridade (Lévinas). Em seguida, num panorama sucinto dos primórdios da psicanálise no Brasil, o autor destaca componentes da formação sociocultural brasileira, como o passado escravagista, a influência europeia via imigração e certa fluidez nas relações de classes, os quais configuram uma tendência ao sincretismo que se reflete no modo como a psicanálise é assimilada e exercida no país.

Palavras-chave

metapsicologia; psicanálise como criação de imagens; conhecimento encarnado; arte; representação; ética; estética; história da psicanálise no Brasil.

LEOPOLD NOSEK é membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo SBPSP.

Recebi do presidente da nossa Federação Brasileira de Psicanálise, Daniel Deluya, o honroso convite para participar deste número da *Revista Brasileira de Psicanálise*, dedicado aos 50 anos de fundação da FEBRAPSI. Recebi o convite com entusiasmo, pois é enorme a minha ligação com essa instituição, que tive o orgulho de presidir no biênio 1991-1992. O convite vinha com o tema agregado: a relação do movimento modernista dos anos 1920 e a chegada da psicanálise ao Brasil. Possivelmente, este número contaria com artigos sobre as diferentes escolas teóricas e clínicas da psicanálise; a mim caberia o recorte generalista da intrínseca ligação da psicanálise com a história e a cultura. Para minha surpresa, uma relutância estranha se abateu sobre mim. O prazo se esgotava e nada de artigo, até que finalmente alguma clareza me surgiu: aparentemente não me sentia à vontade com o recorte teórico proposto.

Todo o meu trajeto pessoal e profissional, no entanto, sugeria o contrário. Apenas lembrando, em 2000 e 2001, por exemplo, organizei a vinda da exposição *Freud, conflito e cultura*, concebida pela Biblioteca do Congresso de Washington, e, com Olívio Tavares de Araújo e Maria Ângela Moretzsohn, fui curador da exposição *Brasil, psicanálise e modernismo*, ambas muito bem-sucedidas em termos de crítica e público visitante. Também como exemplo, antes, em 1994, havia editado *Álbum*

de família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo, livro que por meio de fotografias acompanhava a inserção do movimento psicanalítico paulista no panorama mais amplo da história brasileira e internacional. Por que então a resistência?

Para responder a pergunta, gostaria de retomar brevemente algumas ideias que têm embasado minha visão das complexas relações entre estas três palavras – *psicanálise, cultura, história* – e também meu trabalho na clínica psicanalítica ao longo de 45 anos. Espero que esse possa ser um caminho para corresponder ao amável convite a mim dirigido.

Começo lembrando a experiência de presidir o Comitê de Psicanálise e Cultura da IPA (International Psychoanalytical Association) de 2004 a 2008. Com um grupo de participantes, entre os quais o peruano Moisés Lemlij e o italiano Andrea Sabbadini, amigos que admiro muito, iniciamos uma discussão conceitual sobre o papel de um comitê como esse. A discussão se fazia necessária no âmbito de uma organização que passara a privilegiar enormemente a pesquisa empírica em psicanálise. Anos antes, como editor da *Newsletter* da IPA, eu havia promovido uma discussão entre dois eminentes psicanalistas que personificavam as diferenças cruciais entre essas posições. De um lado, Robert Wallerstein, adepto da pesquisa empírica e quantitativa; de outro, André Green, partidário

da pesquisa clínica conforme o método psicanalítico. Era a década de 1990 e a psicanálise estava sob o assédio dos desenvolvimentos farmacológicos com o patrocínio bilionário dos laboratórios, três dos quais, naquela década, passaram a integrar as listas das corporações internacionais mais valiosas do mundo.

À parte certos achados interessantes em saúde mental, os laboratórios tiveram uma influência nunca demasiadamente assinalada no âmbito conceitual dos sofrimentos da alma. Simultaneamente, assistíamos à difusão de sistemas classificatórios que, por meio de grupos de sinais, facilitavam o diagnóstico das doenças mentais, permitindo que todas as especialidades médicas pudessem diagnosticá-las e prescrever medicamentos psicotrópicos. Estes, além disso, vinham embalados por um *marketing* que os classificava como *primeira geração*, *segunda geração* etc., como se se tratasse de uma marcha do progresso apontando no horizonte a abolição do sofrimento. Isso ocorria, é claro, simultaneamente a um conjunto de transformações econômicas, sociais e de mentalidades que, como observou Zygmunt Bauman, se dava a uma velocidade vertiginosa e com uma radicalidade nunca vista na história. Nesse cenário, a proposta de reproduzir métodos positivistas advindos de outras áreas se tornou hegemônica naquele momento. A essa proposta se opunham os que buscavam refúgio na afirmação da ortodoxia e os que de alguma forma pensavam que a psicanálise devia

abandonar seus muros, cessar a guerra de escolas pela verdade psicanalítica e procurar uma atualização aos novos tempos.

Diante desse quadro, acreditávamos que um comitê como o nosso tinha de fato uma contribuição a dar. Mas, é claro, um projeto assim requereria vontade política e investimento, e aí a situação ganhou uma clareza pedagógica: a dotação anual do nosso comitê era de 5 mil dólares, enquanto a dotação anual do comitê de pesquisa empírica era de 300 mil dólares – e com isso qualquer dúvida a respeito das prioridades institucionais deixava de existir. A importância do comitê naquele momento era meramente honorífica. O grupo, no entanto, era experiente e tomou outra direção. Não dispondo de recursos para encontros, para publicações, optamos por maturar um trabalho conceitual do qual apresento um breve resumo.

Começamos pelo nosso nome: por que Psicanálise e Cultura? O argumento era que, se não mantivéssemos os dois termos juntos, a psicanálise tenderia a se tornar uma psicoterapia a mais no mercado, naufragaria em propósitos práticos e tenderia a desenvolver uma teorização de cunho positivista, com classificações de patologias e definições de condutas e procedimentos. Em consequência, o psicanalista se situaria profissionalmente como uma espécie de paramédico, abandonando a grandeza humanista de seu pensamento.

Fazíamos face a outro desafio: na América do Norte e na Europa, em função dos seguros de saúde, a psicanálise se apresentava como uma entre muitas terapias contempladas pela rede de proteção social.

Tinha, portanto, de provar sua validade, definir sua duração e apresentar relatórios compreensíveis a um burocrata encarregado do sistema. Tinha de se submeter ao método estatístico, encaminhando-se para totalidades explicativas. Tinha de buscar a síntese. Zombando da situação, nós enfatizávamos que éramos praticantes de psicanálise – não de psicossíntese!

Nossas percepções, de fato, não se submetem nunca a uma definição ou a um sistema totalizante. Nas nossas salas de análise, qualquer momento de conhecimento se fragmenta numa multiplicidade de novas perguntas. Nossa teoria não se compõe de conceitos que possam ser tomados isoladamente; ao contrário, eles se comunicam, são interdependentes, são avessos a sistematizações estritas e a manuais, se embaralham como num micélio, ao mesmo tempo que fornecem a sustentação metapsicológica que determina a especificidade e a radicalidade da nossa atuação teórica e clínica. É compreensível, então, que um psicanalista viva uma situação particular, que nunca esteja muito confortável num mundo acadêmico. Porém, cada um de nós é também uma unidade econômica, tem de sobreviver, sustentar família, cuidar da aposentadoria etc. As pressões sociais são muito fortes, e por isso acredito que a psicanálise só possa avançar nas bordas dos sistemas instituídos, subvertendo a necessidade institucional de criar regras generalizantes.

Todavia, consideremos que assim é também qualquer análise: em meio ao flunar de associações livres e escutas flutuantes, como numa irrupção incontrolada, imprevista, fora das expectativas, um momento

criativo se apresenta e algo novo se cria. O modelo do palimpsesto mencionado por Freud me volta à memória. Pedindo licença para a tautologia, o inconsciente, como o nome diz, é inconsciente, se degrada e se estiola diante de sua transformação ou da tentativa de explicação consciente. Se algo o tempo me ensina, eu diria que aprendo que o inconsciente é sempre mais inconsciente do que eu pensava. Assim como o infinito é muito “maior” do que sempre consigo imaginar.

No cenário de uma psicanálise que se torna uma psicoterapia a mais entre tantas que abraçam o método positivista, que lugar caberia à cultura? Impossível dar conta da amplitude desse termo. Apenas lembro uma diferença que se apresenta nas traduções de Freud: onde no inglês, na *Standard edition* – que embasou a primeira tradução para o português –, lemos *civilização*, em alemão, no original de Freud, a palavra usada é *Kultur*. O espectro associativo é bastante diferente! Aliás, todo o ensaio *O mal-estar na civilização* trata de problemas associados a *civilization* ou *Kultur* e ao território pulsional, que é ao mesmo tempo ponto de origem e fonte de conflito com a construção posterior que será a cultura. A crise estará configurada como uma ampliação do conflito original entre pulsionalidade e o território do ego ou do superego. De fato, inevitavelmente, a psicanálise versará sobre a construção de cultura onde havia antes pura instintualidade.

Essa construção que denominamos *cultura* conflitará necessariamente com o que lhe deu origem. É do viver em comum, do choque entre o viver na natureza e o viver social que se originará esta outra complexa e infinita construção que é cada ser humano. O caráter terapêutico da psicanálise virá, numa comparação simplória, como numa equação: uma ampliação do conhecimento das variáveis e constantes da equação da existência amplia as condições de viver e de resolver conflitos e desafios. É primeiro por isso, acredito, por não pretender ser terapêutica imediatamente, que a psicanálise se torna a mais potente das terapias, o que para mim justifica em definitivo a minha prática.

Mas, se a psicanálise não abandona seu território metapsicológico, inventivo, fantástico e sempre incompleto, como se coloca em relação à cultura? Lembrem-se de que nosso comitê não se chamou Psicanálise e Civilização, mas Psicanálise e Cultura. Essa é a concepção que encontramos em todas as nossas instituições. Na vertente positivista da psicanálise, cultura é um adereço aparentado com algo como cultura geral de bom-tom; cultura pode se tornar um enfeite para adornarmos nossa “ciência” com epígrafes que talvez só sirvam para mostrar que não somos isentos de sensibilidade estética.

Tentemos um exercício lúdico: como deveria se chamar o nosso comitê, já que Psicanálise e Cultura endossa uma falsa dicotomia? Talvez Psicanálise É Cultura?

Psicanálise *como* Cultura? Com um hífen, Psicanálise-Cultura? Nessa dicotomia, insisto, a cultura apenas ornamenta uma prática que se pretende científica, pretensão que se reflete até na adoção de uma metodologia de redação científica em que primeiro se apresentam os fatos “puros”, seguidos de uma discussão “objetiva”, que culmina em sólidas conclusões a respeito do tema ou caso investigado.

Seja como for, aí está a origem de minha resistência em me mover nesse círculo estreito definido por “psicanálise e cultura”, e por isso outro equívoco que evitarei é o de confundir cultura com erudição. O que sou efetivamente é um clínico, e todas as atividades institucionais que exerci sempre foram secundárias a uma prática clínica que me ocupa integralmente – tive essa sorte.

Todos sabemos que um filósofo, embora possa citar Freud como nenhum analista seria capaz, nem por isso estará apto a exercer a clínica psicanalítica. Não é suficiente o conhecimento consciente da teoria para tornar alguém psicanalista. Para tanto, será imprescindível o conhecimento *encarnado*, o conhecimento que permite sonhar. Aliás, sabemos que é desse território que retomamos as memórias como elas nos interessam em nossa prática. São os conhecimentos esquecidos que retornam à luz, sempre com novas cores e novas alturas. Nosso conhecimento precisa habitar também o território do inconsciente. Ele tem duas faces, como Jano, o deus das mudanças, das transições: uma se volta para as habilidades do consciente, outra repousa no inconsciente. Esse conhecimento, esse

saber, precisa ser visceral, tem de fazer parte da identidade de quem o possui. A teoria precisa nos entranhar. Se isso já foi dito explicitamente por André Green, temos o mesmo ensinamento também em George Steiner, quando ele nos lembra que encontramos em Shakespeare a ideia de *palavra encarnada*.

II

A radicalidade de uma disciplina que se volta para o inconsciente lança, assim, um desafio que não passará ao largo de nenhuma disciplina das chamadas *humanidades*, e nesse ponto gostaria de lembrar o historiador da arte Aby Warburg e sua fantástica biblioteca centrada numa ideia muito particular de cultura. Em sua paixão, Warburg não cessava de remanejar a localização dos livros em função do parentesco temático e da proximidade entre as inúmeras disciplinas das humanidades.

Warburg esteve internado durante mais de quatro anos sob os cuidados de Binswanger. A influência foi mútua. Nas tardes de Bellevue, eles se entregavam a longos diálogos. Freud, escrevendo a Binswanger, perguntava-lhe: “Como vai nosso paciente?” O médico se tornaria o criador da análise existencial e do conceito de *Einfühlung* (empatia). Warburg é conhecido como proponente da *Wissenschaftskultur*, a ciência ou conhecimento da cultura. A figuração desse conhecimento fica bem clara com sua biblioteca, que, salva das garras do nazismo, hoje é uma das instituições ligadas à London University. Os arquitetos que

planejaram, respeitando o pensamento de Warburg, deram-lhe uma forma circular, de tal modo que os leitores ficassem no centro, equidistantes dos diferentes ramos em que se distribuíam as humanidades. Warburg deixou incompleto o *Atlas Mnemosyne*, no qual investiga a “posteridade da Antiguidade”. Trata-se de uma versão original da história da arte, um estudo da cultura e de suas imagens que transformaria a noção linear da passagem do tempo, com anacronismos, simultaneidades e toda a complexidade de um tempo múltiplo em que a coexistência não se opõe à contradição, concepções perfeitamente afinadas com a visão freudiana da memória e do inconsciente.

É essa interseção com o nosso campo que me faz invocar Warburg neste contexto. Quero colocar aqui a necessidade de situarmos a psicanálise entre as disciplinas que se ocupam da construção de imagens, sem que por isso nos afastemos da especificidade do método e do conhecimento psicanalítico. Construção de imagens será o fio condutor do que segue.

A chamada *segunda tópica* trouxe considerações que somente na década de 1970 teriam um amplo desenvolvimento: a ideia de um novo território do inconsciente que não se coaduna com o inconsciente reprimido. Assim, ao lado do território do “esquecido” para sempre, surge para Freud, a partir da realidade clínica, a necessidade teórica de definir um espaço inconsciente por construir, o id. No mesmo texto, *O ego*

e o *id*, Freud diz que o inconsciente, qualquer deles, não se revela ao consciente nem este mergulha para atingir ou descobrir os conteúdos daquele. Ocorre que temos a possibilidade de encontrar construções que correspondem a estruturas do inconsciente, que o evocam. Para nós, trata-se então de construir representações ou, nos termos que adoto aqui, imagens.

A arte se impõe a nós. A linguagem estética é múltipla, plástica, pode conter texturas, dinâmicas no sentido musical, timbres, cores, ritmos e tantos outros atributos. A rigor, todos os elementos constitutivos do material das artes e seus produtos podem servir como meios expressivos do inconsciente. Lembro, como exemplo, que às vezes repetimos o que o paciente falou, mas com outra entonação. Acrescentamos assim uma cor, digamos, um vermelho, um azul, um cinza, um bege etc. O mesmo pode ser feito com texturas, enquadramentos, pontuações, com tantas nuances quantas o permitirem o talento e o desenvolvimento do analista.

Dessa maneira, o inconsciente pode encontrar uma forma expressiva atualizada e efêmera. Na fórmula freudiana, como sabemos, o caráter é um precipitado de catexias objetais abandonadas, marcas, portanto, de momentos amorosos perdidos. Torna-se claro que o que chamaremos de *mãe*, *seio*, *pênis*, *complexo de Édipo* não cabe numa palavra, já que são uma síntese de inúmeras experiências diferentes e complexas que, perdidas, não se apresentam

mais como realidade, mas como a possibilidade interpretativa do psiquismo naquela idade, naquele espaço e momento. Lembremos que nossa atividade não é de síntese, mas de análise. A infância, assim, não será uma memória a ser explorada como objeto de uma arqueologia. Ela será mais bem definida como um alicerce que, invisível, constitui uma camada imprescindível do atual.

Veremos que a ideia dos anacronismos e sincronismos de Warburg, a ideia de tempo múltiplo, encontra aqui toda a sua pertinência, enquanto, na verdade, a própria ideia de alicerce tem utilidade parcial, pois se trata de um alicerce que se move e se modifica com a construção de outros andares, com outros tempos que se apresentarão. Nesse sentido, a ideia de um inconsciente que se constrói como linguagem ou a da onipresença de uma fantasia inconsciente talvez se encaixem realmente bem apenas no âmbito da primeira tópica. Faltam aí toda a correção e a ampliação propostas na segunda tópica. Também apenas na primeira se encaixariam todas as práticas que pretendem que a psicanálise seja uma revelação, uma tradução simultânea da língua do inconsciente para o idioma expresso do consciente. Interpretar a fantasia, a defesa e a angústia, ou pontuar de um modo diferente o que se diz, revela-se insuficiente.

Outra ideia freudiana crucial – a de que a análise ocorre de inconsciente para inconsciente – encontra aqui seu ponto de aplicação. Quantas vezes não tentamos pegar uma manga no pé, batendo nela com um pau, mirando uma em particular, e a

que cai é outra, imprevisível? É da tradição bíblica, pilar da civilização ocidental, que o mundo surge do verbo e que a figuração da origem, o infinito do criador, se destrói se for nomeado. Sua existência não cabe numa representação. Entretanto, como diz Didi-Huberman, apesar da impossibilidade da tarefa, não cessaremos de tentar. Os testamentos se sucedem. Mesmo que a figuração lhes seja proibida, os talmudistas não cessam de interrogar os mistérios...

Não me parece, contudo, que a figuração deva ser circunscrita ao meio expressivo plástico. Tantas são as artes, tantas serão as possibilidades e as insuficiências dos caminhos tomados na busca da expressão “definitiva”. Possivelmente, o pecado já se mostra na pretensão de encontrar a fórmula última. Aí o poder de sedução do positivismo e aí o poder destrutivo que exerce em relação à metapsicologia e seu impossível objeto, o inconsciente. A esta altura não resisto a me valer de um ornamento (porque ninguém é de ferro) e trazer esta linda citação que encontramos numa obra extraordinária editada por Rolf Toman, *O gótico: cultura artística da Idade Média de 1140 a 1500*. É extraída de um sermão anônimo do século XIII: “Porque o nosso coração é intranquilo e infelizmente poucas vezes consegue viver num estado de harmonia consigo mesmo, por isso foram criadas as imagens, para que o Homem encontre as suas emoções” (2013, p. 16).

Não me estenderei mais sobre argumentos acerca da figuração que expus em outros trabalhos (Nosek, 2009, 2014/2016, entre outros), mas gostaria de chamar a atenção para algo que ali não estava no

centro de minhas preocupações. Refiro-me ao caráter paradoxal das imagens: elas são sempre a marca da presença de algo ausente, como escreve outro historiador da arte, Hans Belting, em *Antropologia da imagem*. Assim são as efígies ou os hinos que celebram um morto. A memória implica uma ausência. A presença ou o paradoxo da presença ausente necessita de um meio concreto, material, para intermediar essa representação. O primeiro meio é o próprio corpo, e nossa capacidade de pensar dependerá da diferenciação entre o meio e a imagem, isto é, devemos ter a capacidade de distinguir, por exemplo, uma estátua de quem ela representa. A destruição da imagem não será a destruição do ser em questão. Estágios mais primitivos de desenvolvimento da mente não estarão aptos a fazer essa distinção. Está no centro do trabalho analítico desenvolver a possibilidade de capturar as memórias como memórias, diferenciando-as do momento em curso.

Assim sendo, uma operação que me parece essencial é trabalhar para que o paciente se retire de uma vida como sonho, de tal modo que, assentando-se sobre um meio que no nosso caso seria o espírito ou a mente, o conjunto de ações possa repousar no lugar que lhe cabe, o qual será uma legítima produção onírica. Ou seja, o paciente deixa de viver num sonho para se tornar o criador de sonhos. Analista e paciente, em conjunto, na verdade criam a possibilidade de sonhar, antes inexistente. Onde

os sonhos estavam ausentes surge a possibilidade genérica para o viver. Os sonhos, com sua face inconsciente e sua face consciente, são justamente a melhor representação do conhecimento encarnado: a pessoa sabe, mas como que não sabe que sabe. Esse caráter dos sonhos permite o que se assemelha a uma aptidão premonitória. Em análise, o analista pode ver como um recurso foi adquirido, mas este vai requerer ainda elaboração para se tornar reconhecível por quem o desenvolveu. O paciente diferenciará os conteúdos dos meios expressivos – saberá que sonha. Desenvolvimentos do percurso das imagens na cultura podem ser encontrados na importante obra de Belting. Temos ali uma poderosa analogia que, além de enriquecer nossa possibilidade de pensar metapsicologicamente, nos traz um descanso dos textos canônicos e das citações que repetimos tanto.

Mas volto a Freud, sempre a ele. Quando nos diz que nosso caráter é produto de amores perdidos, Freud acentua a necessidade da ausência para a construção do acervo de imagens que nos constitui. Muitas vezes, críticos da cultura lhe atribuem por isso uma visão trágica da existência, quando de fato se trata apenas de uma visão realista do caráter. É preciso considerar, porém, que deve haver um meio material que sirva de suporte para a imagem a ser construída. Comecei a refletir sobre essa necessidade ao escrever sobre os nossos desaparecidos políticos. Ali me ocorreu que é indispensável haver um corpo para

que se faça o trabalho do luto – e nada o prova de maneira tão magnífica quanto a *Ilíada*. Centenas morrem na batalha furiosa que gregos travam com troianos pelo cadáver de Pátroclo. É comovente a passagem em que Príamo, pai de Heitor, atravessa as linhas gregas para humildemente suplicar a Aquiles que lhe devolva o corpo do filho.

Embora a leitura da *Ilíada* se revele sempre um poderoso meio de desenvolvimento pessoal, ela me interessa neste contexto como suporte de reflexão metapsicológica. Ou seja, a história, a história da cultura e toda a cultura fazem parte de quem eu sou. Talvez a arte seja mesmo, com todo o direito, o sonho da humanidade, como queria Otto Rank. Sempre penso isso. Vejam a que distância estamos da erudição e de seu uso apenas consciente. Estamos inevitavelmente mergulhados no que a humanidade já sonhou e no que está à espera de ser sonhado. A história e a cultura nos alcançam já a partir do primeiro leite ou talvez até antes, na forma como somos esperados, gestados. O ruído que faz cada bebê ao nascer é um lembrete de que o trabalho de construir imagens é necessariamente infindável e inevitavelmente insuficiente.

A psicanálise se incluirá no cortejo das práticas de criação de cultura e, desse modo, podemos pensá-la como uma forma peculiar de atividade estética, como uma arte radicalmente contemporânea, talvez a mais radical das artes atuais. Explico-me: apenas duas pessoas participam dessa construção; o social ou um terceiro, embora ausentes fisicamente, permanecem como presenças imanentes. Virtualmente todas

as paixões podem ocorrer na sala de análise – amores, traições, suicídios, assassinatos, enfim, todas as cores do espectro emocional. Quando algo ali se revela, é de maneira fugaz, e sua beleza pode ser apreciada apenas pelos dois participantes da cena. Narrar esses eventos só estará ao alcance de outra arte, a literatura. Como que confirmando seu caráter efêmero e não passível de repetição, se essa construção for de fato valiosa, será esquecida – repousará no território do inconsciente de seus autores. Não estaremos na vizinhança das formas contemporâneas da arte? Instalação, *performance*, atonalismo, poéticas concretas e tantas outras manifestações da arte parecem se apresentar aqui em toda a sua radicalidade.

III

Em algum momento de meu trajeto, uma importante influência teórica que eu cultivava – Bion – tropeçou em Emmanuel Lévinas. Graças a esse pensador da ética, o assombro com o infinito ganha uma formulação. Para Lévinas, o infinito é um objeto especulativo que extravasa seu conceito, é excessivo em relação a ele. Se o conceito fosse capaz de abarcar seu objeto, este se desfiguraria, deixaria de ser o que é. O infinito traumatiza seu conceito, que é necessariamente insuficiente. O infinito, assim, se opõe ao que foi no Ocidente a busca filosófica da totalidade. Aliás, esse é o título da principal obra de Lévinas: *Totalidade e infinito*.

Sua teoria é profundamente profana e terrena, embora alguns vejam um traço

místico nela. Segundo Lévinas, a ideia de infinito não é prova da existência de Deus, como o foi para Descartes. A ideia de infinito se apresenta a nós a partir do rosto, ou face, do outro. Desse modo, é o outro que nos traumatiza, seja ele o ser que temos diante de nós, seja o objeto de conhecimento sobre o qual nos debruçamos. Minha metapsicologia pessoal dará então um passo novo. Se pretendemos tornar o outro no mesmo, afirma Lévinas, o que ocorre é a destruição da alteridade; o gesto ético se configura na aceitação incondicional da alteridade. Assim, a atenção flutuante será para mim a submissão ao traumatismo que o outro me causa, seja por sua presença, seja pelo enquadre através do qual o interrogatório, enquanto a livre associação se dará a partir da simples e imediata existência do outro, dessa permissão incondicional para que ele seja.

Mas, para complicar, na nossa disciplina vemos que o homem também é, inevitavelmente, o outro de si mesmo e, como diz Steiner em *A morte da tragédia*, o outro do mundo:

O drama trágico nos diz que as esferas da razão, ordem e justiça são terrivelmente limitadas e que nenhum progresso de nossa ciência ou de nossos recursos técnicos ampliará sua relevância. Exterior e interiormente é *l'autre*, a alteridade do mundo. Chame como quiser: de um Deus oculto malevolente, destino cego, solicitações do inferno, ou força bruta do nosso sangue

animal. Ele nos aguarda numa tocaia da encruzilhada. Ele zomba de nós e nos destrói. Em certos casos raros, ele nos conduz à destruição em busca de um repouso incompreensível. (2006, p. 4)

Lindamente Steiner nos lembra também de conceitos fundantes da metapsicologia: o inevitável conflito de forças de vida e de morte. Recorda-nos, ao estudar a tragédia, que ela “é uma percepção terrível e dura da vida humana. Ainda assim, no *excesso* [itálico nosso] mesmo de seu sofrimento encontra-se o clamor do homem por dignidade” (p. 4). Essa é a realidade do ensinamento também da clínica: ao incorporar a fragilidade, o sofrimento, as limitações, a efemeridade, a necessidade e a insuficiência, o paciente adquire a sua força e a sua grandeza.

Na fenomenologia do sublime, no Kant da *Crítica da faculdade do juízo*, mergulho em novas velhas ideias. Para Kant, o sublime se nos apresenta quando estamos diante do que nos ultrapassa, do infinitamente grande. Pode ser um fenômeno incontrolável da natureza, pode ser um movimento ou uma convulsão social, política. Pode ser até mesmo o surgimento, em nossa linguagem, do pulsional ou do inominável do inconsciente. Se, no entanto, pudermos observar de um lugar seguro a catástrofe diante de nós e se nosso espírito se mover na direção dela para lhe dar forma, experimentaremos o sentimento de beleza ou o sublime. Mais uma vez,

submetido pelo espírito, o excesso terá se tornado linguagem, imagem, figura, representação.

Depois desse largo périplo para tentar explicitar uma compreensão de como as palavras *psicanálise* e *cultura* se relacionam, acho que posso concluir que o nosso mendicante comitê da IPA deveria se chamar Psicanálise É Cultura, isto é, construir cultura é o nosso ofício, é a finalidade do nosso saber. *Cultura* tem, para mim, o sentido do repto lançado por Raymond Williams na Inglaterra da década de 1950: “Culture is ordinary” – a cultura é prosaica. *Cultura*, portanto, refere-se a todo modo de viver individual e social. São os filmes de que desfrutamos, a tv a que assistimos, as propagandas que acompanham os programas, os livros que lemos, a ideologia explícita e implícita que professamos, o modo como nos dirigimos ao trabalho, o próprio trabalho, o sapato que usamos, a roupa que vestimos, os ornamentos que nos enfeitam, a linguagem com a qual nos comunicamos, o modo como tratamos nosso corpo, o que comemos nos almoços em família, os nomes que damos aos nossos filhos. *Cultura* é o comum do viver de cada sociedade e de cada espírito individual. A psicanálise, ao criar imagens e representações onde estas não existiam, será uma prática que domestica o terror, que captura a catástrofe. Ela introduz cultura onde imperava a ação. Criadora de cultura, criadora de conhecimento encarnado, ancorada num método que lhe é próprio e numa específica metapsicologia, aí a sua identidade ao mesmo tempo como estética e ética.

IV

Há muitos anos, quando pretendi escrever sobre a história da psicanálise em São Paulo, intimidei-me com a saga repleta de paixões, de sexualidades expostas, que se desenrolava ao lado do prosaico acúmulo de fatos. Muitos participantes das origens ainda estavam entre nós, o que reforçava meu impedimento para descrever as influências, os debates, as divergências, as alianças e os desenvolvimentos. Para não criar uma lenda de origem, a opção foi tornar explícita a insuficiência. Assim nasceu o livro cujo título não poderia ser outro: *Álbum de família* – apenas imagens que convidavam o leitor a preencher imaginativamente o que os textos não declaravam, uma coleção de fotos que mostravam os nossos ascendentes sem explicitar os dramas, os romances, as dificuldades, impasses e paixões que perpassam qualquer história familiar.

Agora, nesta tentativa de corresponder plenamente ao tema que me foi sugerido, também farei algumas escolhas subjetivas – mas não será sempre assim? –, com a intenção apenas de que essas imagens despertem algum movimento onírico. Creio que bastarão alguns exemplos para dar conta da relevância da interseção do modernismo com a psicanálise. Para os estudos históricos, recomendo ao leitor as pesquisas coordenadas por Maria Ângela Moretzsohn, da Divisão de Documentação e Pesquisa da História da Psicanálise da SBPSP (Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo), onde se encontra a mais completa documentação de que dispomos.

Temos sinais do interesse pela psicanálise no Brasil já em 1899, quando Freud é citado numa aula por Juliano Moreira na Bahia. Um ex-aluno deste, Genserico de Souza Pinto, produzirá em 1914 o primeiro documento escrito aqui sobre a psicanálise. A minúscula elite brasileira mostra uma porosidade surpreendentemente alta em relação ao pensamento europeu, ao mesmo tempo que localmente professa relações sociais de enorme atraso. Parte dessa elite econômica e intelectual estará em contato estreito com o que de mais contemporâneo se produz no estrangeiro, mas até hoje, se raspamos a fina camada de cultura que a recobre, descobrimos anacronismos e barbarismos sociais de toda ordem.

São Paulo, como polo de desenvolvimento econômico e, em consequência, de atração migratória, começa a se firmar na virada para o século XX; é o lugar onde as ideias psicanalíticas vão encontrar seu centro principal. Na dialética entre vanguarda e atraso, veremos que o movimento modernista, que tem na Semana de 22 seu início simbólico, mostra grande atração pelas ideias freudianas. Surge nesse meio a figura paradigmática do psiquiatra Durval Marcondes (1899-1981), catalisador da introdução das ideias psicanalíticas no país e fundador da primeira Sociedade Psicanalítica no Brasil, em 1927; nesse grupo se reuniram, entre outros, médicos como Franco da Rocha (psiquiatra), Raul Briquet (obstetra), Pedro de Alcântara Marcondes Machado (higienista) e intelectuais como

Menotti del Picchia (advogado, escritor, pintor). Esse grupamento não prosperou. Seria preciso esperar dez anos ainda até a chegada de Adelheid Lucy Koch (1896-1980) ao país, vinda de Berlim, para que análises propriamente ditas pudessem ser iniciadas. Foi ela a primeira analista didata da América Latina.

Acompanhando Durval Marcondes, temos registro de sua presença na Semana de 22 e de sua colaboração com um poema na revista *Klaxon*, publicada pelos modernistas. Nesse mesmo número, há artigos de Sérgio Buarque de Holanda e Mário de Andrade, entre outros. Apesar de Carlos Drummond de Andrade se manifestar explicitamente resistente às ideias psicanalíticas, a primeira edição brasileira de um texto de Freud – as *Cinco lições de psicanálise* – ocorreu na *Revista*, publicação de inclinação modernista que ele editava em Belo Horizonte. Mário de Andrade tinha em sua biblioteca numerosos livros de Freud cuidadosamente anotados, e em muitos de seus escritos encontramos ideias inspiradas na psicanálise. Oswald de Andrade cita Freud três vezes em seu “Manifesto Antropófago”. Referências a Freud são numerosas em sua obra posterior, ainda que na década de 50 ele passe a ver a psicanálise como prática burguesa. Nos anos 30, porém, instalara em seu escritório um divã para experimentar a análise, e na peça *O rei da vela*, escrita em 1933 mas lançada em 37, referia-se a Freud como o último grande romancista da burguesia.

A influência da obra de Oswald e de sua pessoa são marcantes na cultura brasileira. Foi um grande agitador e destruidor de mitos e do senso comum de seu tempo.

Em 1917 ocorrera a primeira greve importante do Brasil, num momento de prosperidade graças às exportações crescentes, impulsionadas pela Primeira Guerra. Ao mesmo tempo, salários baixos corroídos pela forte inflação levariam aos primeiros grandes confrontos de classe após o escravismo, basicamente liderados por operários de origem europeia que haviam começado a imigrar para cá na segunda metade do século XIX para substituir o trabalho escravo. Os imigrantes espanhóis se instalaram predominantemente na cidade, enquanto a mão de obra italiana se dirigiu para as fazendas, onde as péssimas condições de trabalho também a redirecionaram para os centros urbanos. Lembremos que no Brasil, por influência dos grandes proprietários de terras, era vedado por lei o acesso à propriedade por parte dos recém-chegados. As condições de vida desses imigrantes eram tão desumanas que, em 1859, a Prússia proibiu a vinda de cidadãos seus para o país. De todo modo, a hegemonia das ideias de luta social vinha do anarcosindicalismo trazido da Europa. O Partido Comunista Brasileiro seria fundado apenas em 1922, em Niterói. Um período de intensa agitação social e inconformidade intelectual atraiu as classes médias para o recém-criado movimento tenentista, que também teria grande influência nas décadas posteriores.

O movimento modernista, originário de uma fração aristocrática de fazendeiros

principalmente paulistas, não poderia seguir nenhuma das correntes citadas. No entanto, também sua perspectiva social e econômica estava em questão. De Freud, os modernistas – Oswald de Andrade sobretudo – tomaram a teoria pulsional como inspiradora da ruptura com a cultura oficial de sua época. Como corolário dessa visão, surge uma inspiração antropofágica, uma busca das raízes da brasilidade no primitivo e um modo peculiar de apropriação local da cultura universal. O pulsional inspira o revolucionário, a crítica, o inconformismo com a ordem instituída. Veremos traços dessa influência em múltiplas variantes, tais como o trabalho de Nelson Rodrigues e o de Glauber Rocha, os movimentos de contracultura locais, o tropicalismo e, por que não?, a estapafúrdia produção das pornochanchadas, tidas por alguns como oposição à censura da ditadura militar brasileira iniciada em 64.

Em 1923, Oswald casa-se na Europa com Tarsila do Amaral, autora de uma iconografia original brasileira. Filha de fazendeiros muito ricos, Tarsila recebeu uma sólida educação formal, como era costume entre as famílias de grandes proprietários de terras no estado de São Paulo. Seu quadro *Abaporu*, emblemático de certa visão que temos de nós mesmos, é uma das expressões máximas da antropofagia cultural, movimento pulsional de apropriação da realidade.

Em 1931, Tarsila, agora casada com o psiquiatra Osório César, viaja para a União Soviética e se aproxima dos movimentos sociais, pintando seu famoso quadro *Os operários*. Osório César, além de interessado no movimento social, sempre esteve próximo

das artes plásticas. Criou por volta de 1923 um ateliê de artes em que os pacientes pintavam e modelavam; organizaram-se ali exposições em que esses trabalhos eram vendidos. Em 1929, publicou o livro *A expressão artística nos alienados: contribuição para o estudo dos símbolos na arte*. Seu trabalho inspirado em Freud é pouco conhecido e divulgado, apesar de ampla coleção de desenhos daquela época estar sob a guarda do MASP (Museu de Arte de São Paulo).

A propósito de Osório César, abro parêntesis para um comentário. Não deixa de ser interessante uma comparação com a ampla divulgação que tem merecido o trabalho de Nise da Silveira. Como se sabe, entre 1946 e 1957 funcionou no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, um ateliê de arte para os internos. Esse trabalho resultaria no hoje conhecido Museu do Inconsciente. A partir daí, tornou-se corrente entre nós associar arte com loucura, seja com a loucura fertilizando a arte, seja com a ideia da arte como atividade terapêutica. Uma inferência de fertilidade mútua se estabeleceu e cresceu como afirmação ideológica. Ocorre que, no Engenho de Dentro, Nise contou com a colaboração de um jovem artista – Almir Mavigner –, que fez a curadoria, ou seja, escolheu entre centenas de internos uns poucos que lhe pareciam talentosos. Quando se faz menção ao trabalho do Engenho de Dentro, raramente se menciona Mavigner, que mais tarde desenvolveria sua carreira na Alemanha.

Se pensamos que houve uma acurada escolha prévia dos pacientes que frequentariam aquele ateliê, tornam-se questionáveis as conclusões a respeito tanto da loucura como catalisadora da construção artística quanto da prática artística como dotada de funções imediatamente terapêuticas. Penso que a arte pode se fazer presente onde a saúde está construída – seria a “parte sadia” do alienado; a arte não é expressão de loucura e, sim, de sua inexistência. Talvez tivesse interesse, para nós, recuperar os trabalhos do Juqueri que se encontram no MASP e reabrir um debate atualizando as ideias freudianas que inspiraram Osório César.

Mas, voltando ao nosso caminho, peço licença para reproduzir a fotografia imaginária que apresentei em trabalho publicado na *Calibán* (Nosek, 2014). Aparecem na imagem três protagonistas da história da psicanálise brasileira: Virgínia Leone Bicudo, Adelheid Koch e Durval Marcondes. Virgínia gostava de lembrar que fora a primeira pessoa na América Latina a se deitar num divã. Nessa foto ela está em situação de análise como paciente; Adelheid está sentada atrás, como analista; Durval, bom anfitrião, emoldura a cena de braços abertos. Analisando essa inexistente imagem, vê-se que Virgínia mescla traços físicos de seus pais – ela é filha de escrava liberta casada com imigrante italiano. Não tenho notícia de que essa característica étnica tenha sido abordada durante sua vida. Quanto a Adelheid, percebem-se nela

traços de refugiada judia alemã, amante do Iluminismo que sua cultura de origem preservava, das vicissitudes de uma imigração forçada e da adaptação a um novo país. Já Durval não esconde seu caráter aristocrático, proveniente de tradicionais famílias de proprietários de terras, ali já afetados pela quebra que se sucedeu à crise de 1929.

Além da herança modernista, essa fotografia inventada reflete componentes importantes da formação sociocultural brasileira, como o passado escravagista, a influência europeia via imigração e certa fluidez nas relações de classes. Esse caráter sincrético é típico da nossa cultura, incluída aí a religiosidade corrente. É nesse meio que se desenvolve a psicanálise brasileira.

Nas décadas de 1980 e 1990, não foi incomum que analistas de linha britânica ou francesa, principalmente, repudiassem nossas leituras e práticas como transgressoras da ortodoxia. À parte a crise dos paradigmas que se desenhou no final daquela época, do desmonte da guerra das escolas psicanalíticas pela posse da verdade teórica, talvez esse sincretismo, com suas virtudes e defeitos, tenha peso determinante no modo como assimilamos e exercemos a psicanálise, isto é, na nossa identidade como psicanalistas. É comum alguém ilustrado, em nosso meio, estar apto a ler em francês, inglês e espanhol, o que marca uma diferença absoluta em relação ao ambiente europeu (para não falar no americano). Até pouco tempo atrás, o modelo francês não era oficialmente aceito na IPA e os britânicos tampouco se mostravam interessados na literatura psicanalítica do continente.

O alemão, a língua materna da psicanálise e, portanto, pilar de sua cultura, era desconsiderado. Mesmo entre nós, dizia-se que o inglês era a língua por excelência do nosso saber.

Um olhar que se volta para o que de mais moderno se produz em países mais desenvolvidos continua a coexistir com os arcaísmos locais, desconhecendo as necessidades e urgências que nos circundam. Por outro lado, essa abertura, ou melhor, essa tendência sincrética, quando devidamente submetida ao pensamento crítico, muitas vezes se revela uma vantagem. Por exemplo, nosso atraso não nos submete ainda aos seguros médicos e estamos infinitamente distantes de um modelo socializado de medicina.

A disseminação da prática analítica não é exatamente um propósito da psicanálise, nunca será. Ela não se presta a um uso generalizado. Sua produção teórica, os conceitos que cria, sua repercussão sobre outras práticas, aí sim estará o seu efeito socializante. Será sempre nas

incontornáveis imbricações com a cultura que se revelarão os trajetos psicanalíticos. Não posso deixar de lembrar que nunca a psicanálise foi tão difundida como no Terceiro Reich; expurgada de judeus e mulheres pelo Instituto Goering, ela estava pronta para acolher a massa de sofrimentos da alma germânica. Vemos ali, mais uma vez, a psicanálise se estiolar, como sempre em meios carentes de liberdade. Seu caráter sempre sofrerá e atuará no mesmo passo da cultura.

Gostaria de encerrar este texto com a reafirmação da crença de que ocupamos um lugar essencial no conjunto das humanidades, de que a psicanálise jamais deve subestimar sua ligação inerente com o vasto universo do conhecimento humano e de que nossa importância para um viver consequente depende de sempre nos interrogarmos sobre nosso pensamento, nossa arte e nossa ética.

Dentro del psicoanálisis, dentro de la cultura

Mezclando consideraciones de carácter histórico y teórico, el autor reflexiona sobre las complejas relaciones entre las palabras *psicoanálisis* y *cultura*. Explorando afinidades de la teoría freudiana con el pensamiento de historiadores del arte (Warburg y Belting), incluye el psicoanálisis entre las prácticas que se ocupan de la construcción de imágenes y, por tanto, de cultura. Al trabajar para crear imágenes y representaciones donde estas no existían, el psicoanálisis domestica el terror, captura una catástrofe personal. Por tanto, es imprescindible el conocimiento encarnado, que tiene la misma sustancia de los sueños. De esta forma, anclado en un método y en una metapsicología propios, el psicoanálisis asume una identidad al mismo tiempo como estética y como ética, se entiende como una sumisión incondicional a la alteridad (Lévinas). A continuación, en un panorama sucinto de los principios del psicoanálisis en Brasil, el autor destaca componentes de la formación sociocultural brasileña, como el pasado esclavista, la influencia europea a través de la inmigración y cierta fluidez en las relaciones de clases, los cuales configuran una tendencia al sincretismo que se refleja en el modo en que el psicoanálisis es asimilado y ejercido en el país.

PALABRAS CLAVE: metapsicología; psicoanálisis como creación de imágenes; conocimiento encarnado; arte; representación; ética; estética; historia del psicoanálisis en Brasil.

Referências

- Belting, H. (2014). *Antropologia da imagem* (A. Morão, Trad.). Lisboa: KKYM; EAUM.
- Didi-Huberman, G. (2012). *Imagens apesar de tudo* (V. Brito & J. P. Cachopo, Trad.). Lisboa: KKYM. (Trabalho original publicado em 2004)
- Didi-Huberman, G. (2013). *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg* (V. Ribeiro, Trad.). São Paulo: Contraponto. (Trabalho original publicado em 2002)
- Freud, S. (1987a). O ego e o id. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19, pp. 13-83). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1987b). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 21,

Inside psychoanalysis, inside culture

The author reflects on the complex relations between the words *psychoanalysis* and *culture* by combining historical and theoretical considerations. He explores affinities between Freudian theory and the thinking of art historians, such as Warburg and Belting. The author includes psychoanalysis among those practices that deal with constructing images and, therefore, culture. As it works to create images and representations where they have not existed, psychoanalysis domesticates terror and captures a personal catastrophe. Embodied knowledge, which is made of the same substance of dreams, is vital to achieve this purpose. Anchored in its own method and metapsychology, psychoanalysis assumes an identity as both aesthetics and ethics at the same time. Ethics is herein understood as the unconditional submission to alterity (Lévinas). The author provides a brief overview of the early days of psychoanalysis in Brazil and highlights some elements of the Brazilian social and cultural formation, such as the slaveholding past, the European influence through immigration, and certain fluidity of classes. These elements have established a tendency towards syncretism, which is manifested in the way psychoanalysis is assimilated and practiced in Brazil.

KEYWORDS: metapsychology; psychoanalysis as the creation of images; embodied knowledge; art; representation; ethics; aesthetics; history of psychoanalysis in Brazil.

- pp. 75-177). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Green, A. (1988). O conceito do fronteiroço. In A. Green, *Sobre a loucura pessoal* (C. A. Pavanelli, Trad., pp. 66-89). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1977)
- Green, A. (1990). *Conferências brasileiras: metapsicologia dos limites* (H. B. Vianna, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Homero. (2012). *Ilíada* (C. A. Nunes, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Kant, I. (2005). *Crítica da faculdade do juízo* (2a ed., V. Rohden & A. Marques, Trad.). São Paulo: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1793)
- Lévinas, E. (1988). *Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade* (J. P. Ribeiro, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Trabalho original publicado em 1961)

- Nosek, L. (Ed.). (1994). *Álbum de família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nosek, L. (2009). O infinito e o corpo: notas para uma teoria da genitorialidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(2), 139-158.
- Nosek, L. (2014). Psicanálise no Brasil: uma foto virtual, apenas. *Calibán*, 12(2), 263-270.
- Nosek, L. (2016). Variações sobre um tema de Antonino Ferro: alfabetizar as emoções. *Alter – Revista de Estudos Psicanalíticos*, 32(2), 33(1-2), 34(1-2), 169-201. (Trabalho original publicado em 2014)
- Steiner, G. (2006). *A morte da tragédia* (I. Kopelman, Trad.). São Paulo: Perspectiva.
- Steiner, G. (2012). Dez (possíveis) razões para a tristeza do pensamento. *Serrote*, 12, 21-53. (Trabalho original publicado em 2005)
- Toman, R., Bednorz, A. & Klein, B. (2013). *O gótico: cultura artística da Idade Média de 1140 a 1500* (M. Abreu & R. E. Correia, Trans.). [S.l.]: H. F. Ullmann.
- Warburg, A. (2013). *A renovação da Antiguidade pagã: contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu* (M. Hediger, Trad.). São Paulo: Contraponto.
- Williams, R. (1989). Culture is ordinary. In R. Williams, *Resources of hope: culture, democracy, socialism* (pp. 3-14). London: Verso. (Trabalho original publicado em 1958)

Leopold Nosek
Rua Baltazar da Veiga, 24
04510-000 São Paulo, SP
Tel.: 11 3842-1704
nosek@terra.com.br